

SUPLEMENTO
HUMORISTICO DE

O SECULO



Dirétor: ACACIO DE PAIVA

Propriedade de J. DASILVA GRAÇA, Limit.ª

Editor: ALEXANDRE AUGUSTO RAMOS CERTA

REDAÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E OFICINAS—RUA DO SECULO, 43—LISBOA

A AUTOPSIA



Depois da guerra.
— Efectivamente o responsavel não foi ele, mas os macaquinhos que tinha no sofá...

PALESTRA AMENA

O «sport»

Aí está uma coisa que tem a marca genuinamente inglesa e que, se em outros paizes se encontra, é porque o importaram, direta ou indiretamente, de Inglaterra. Tem a marca inglesa da força, da higiene, da franqueza e até da elegancia, não d'essa elegancia convencional subordinada ao catavento da moda, elegancia que pôde ser franzina, quando Sara Bernhardt se impõe, biculta, quando os bigodes do kaiser estão na berlinda, de calças dobradas em baixo, se Eduardo VII se esquece de lhes desmanchar a dobra, de mil modos que obedecem ao capricho, mas da que é a exteriorisação desempenada de quem a natureza e a educação arma para a luta com todos os inimigos empenhados em destruir o homem.

Os latinos importaram o *sport* e aceitaram-o, primeiro com relutancia, depois com entusiasmo. Compreende-se a dificuldade da adaptação em povos que só tardiamente vieram a perceber que o desenvolvimento do corpo deve acompanhar o do espirito; a sentimentalidade em excesso era n'elles um embaraço terrível á conquista do *sport*, chegando—como em Portugal—a desprezar-se o que indicasse força de musculo, agilidade, resistencia. Dos fortes dizia-se: «Vá para a alfandega!» e tempos houve em que a tuberculose era simpática a toda a gente, em que se tossia por fingimento, a fazer jús ao dô dos corações, em que um escarro de sangue n'um lenço era, não uma porcaria, mas um adoravel assunto para endeixas de vates sensíveis e até o primeiro passo para o casamento.

Mas hoje o *sport* vae triunfando; os jornais dedicam-lhe colunas, os ourives fabricam taças para os jogos esportivos, o dr. José Pontes e outros benemeritos transformaram a Porcalhota em Amadora, centro de *sports*, dão-se murros a preceito, o *foot-ball* apaixonou todas as classes sociais, até a dos petizes das ruas, o Felix Bermudes passava de *raquette* debaixo do braço, finalmente, n'este particular, estamos quasi inglezados...

Quasi, dizemos, porque para *sportsmen* falta ainda uma coisa: ser inglez. Sim, é belo, é conveniente, copia-los n'este campo, mas basta assistir a um torneio esportivo entre inglezes ou entre portuguezes, para se notarem diferenças profundas. O que n'elles é natural e franco, em nós é acanhado e contrafeito; a sua confiança e a sua indiferença «pelo que dirão os outros», não a imitamos nós, geralmente em atitudes desconfiadas e com grande receio de «dar espetáculo»; a sua decisão, a sua pontualidade, a sua vontade, o seu conhecimento do que querem, todas essas forças concorrentes cuja resultante é o triunfo, no *sport* como em tudo, nós as temos latentes, envergonhadas, incapazes de se patentearem á luz, arrecaçados n'um cantinho da alma.

Pois é preciso que saiam, corajosamente, sem tibezas, e vêr-se-ha que, uma vez cá fóra, podem bem sofrer comparação com a de qualquer outro

Mudança de opinião



Emquanto a aldsia estava em poder dos boches.
—Finalmente somos senhores d'um ponto strategico que não tem rival!



Depois da mesma aldeia ter sido conquistada pelos inglezes:
—Deixa-la. Tambem, como ponto strategico era absolutamente insignificante!

povo, incluindo o grande povo inglez. (!)

JOSÉ NEUTRAL.

(!) Se esta «Palestra amena» fôr alguma vez lida em casa onde haja piano, dever-se-ha em seguida tocar o «God save the King».

TEATRADAS

Carta do «Jerolmo»

Minha Zefa.

Arresebi a tua meciva pedindome que te iscrevesse arrespeito do triato inguelez, porque in vista dus ultemos çucessos vèlicos da Inguelaterra istás dessedidamente cum os inguelezes. Vou-te fazer a vontade dezendute cus gaiteiros tiveram entre outros um ótor de munta fama xamado Cheque-Spirra, pur cinal ca inda ce nan çabe ce izesitiu ó não. Mas izestice ó não izestice u caso é que se fartou de iscrever pessas que não xegam áus calcanhares da *Fava rica*, cuma noite destas estes meus ovidos indignas de escuitarem taes persiosidades oiviram no triatro da Trindade, mas que cem dúveda, o u sr. Afonço Gaió não se daria acinar.

Não poço descreverte toudas porque a iscazez du papel é cada vez mais maior i istá munto caro para a jente o incher dasneiras, mas vou falarte duma que me deu mais nu gouto. Xamace *O'telo* i é a istoira dum preto que casou cuma branca, a sr.^a Desdemóna, encontra vontade du pai della i pur fim a mata cum siumeira apertandele u gasganete, istando ela mais inucente ca ti cando me vinheram dezer que me inganavas cu noço cumpadre Zé da Mula i que era mintira, cegundo tu me dixeste. Ora a rezão porque em Pêras Ruivas ce levantou este buato fui porque na minha ósencia viram u Zé da Mula intrar para noça casa toudas as noites i çair de madrugada, coisa ca final era munto inucente ó que me dequelaraste, porque ia súmente juagar a bisea contigo para te interter;

agora o raio do preto apanhou aque siumeira porque aparseu nas mãos dum tal Cacio um lenso pretensente Desdemóna! Vê tu çá coisa mais fãtel!

De maneiras ca tese du *Otelo* é a seguinte:

«Não ce devem arreceber lenso das dos pellas mulheres, porque é munto prigoso.»

I tu çabes lá a cuntidade de çarilho a que dá urigem u tal pedasito de peno! Além da morte da Desdemóna mail a morte dum tal Iago, que é un patifão nu genero boche, é a morte do proprio Otelo, não se perdendo temem grande coisa vistuque u preto eristupido i cumo janaral já tinha dado u que podia dar.

E' isto u que cunhesso du triato inguelez. Tamem in tempos oivi o *Amotele* mas não persevi cenão a tese, que é: «cas republicas ção milhores camunarquias porque os princezes pedem çair malucos» e canto ó triato inguelez moderno já vi tamem algumas pessas in purtuges tão bem tardes zidas que dou um doce a quem as tenha entendido.

Cum isto não te infado mais i istimo que estas duas regueras te vão axar çauda ca minha ó fazer desta é boa grassas ó Guitri que me incheu a medida. Teu inté á cepultura

Jerolmo

Emprezario do Pau'ltiama de Peras Rulvas

Delicadeza britanica



Um oficial inglez, aprisionando um oficial boche.
—Peço desculpa de o ter fetto prisioneiro sem primeiramente lhe haver sido apresentado...

CONFERENCIAS CIENTIFICAS

(Para uso dos alunos dos liceus)

Londres

Meus meninos e minhas meninas de ambos os sexos: venho hoje falar-lhes de Londres, mais vulgarmente conhecida por terra dos gaiteiros, e sobre as lendas que a seu respeito se tem inventado, começando por afirmar-lhes que a denominação é de todo o ponto imprópria, porque, pessoas que a tem visitado e são incapazes de mentir asseguraram que nunca lá viram a mais pequena gaita.

Como esta, muitas outras falsidades se tem espalhado ácerca da capital da Grã-Bretanha—assim chamada porque é a região onde se fazem as peças de bretanha de maior extensão. Diz-se, por exemplo, que Londres é d'uma área enorme; pois oponho negação absoluta e vou convencê-los imediatamente de que a sua área não é superior á de Paris, á de Madrid, á de Lisboa, á de qualquer outra capital, emfim. Se não, olhem para aquele mapa da Europa ali pendurado; vêem os círculos que indicam as cidades em que falo? E' o que representa Londres maior do que os outros? Não. Ora quem faz um mapa não é nenhuma besta e não cometaria um tal erro, se realmente Londres fôsse do tamanho que dizem.

Hão de igualmente ter ouvido dizer que as ruas principais de Londres são larguíssimas, para que por elas possa circular a enorme população da cidade. E' outro engano: não ha rua em Londres que não seja *street*. como podem verificar em qualquer dicionario, e *street* deve significar *estrito* e não largo. Pois não é assim?

Tambem é crença geral que em Londres se fala inglez, ilusão que se desfaz logo que qualquer aluno dos nossos liceus ponha pé em Londres. Muitos dos que me escutam tem frequentado as aulas de inglez nos liceus de Lisboa, não é assim? pois vão a Londres e se entenderem o que os habitantes d'aquella cidade lhes disserem ou se se fizerem entender por eles, creiam que assistem á realisação d'um verdadeiro milagre.

Suponho que, depois do que deixo dito, ficarão fazendo uma idéa completa do que é a capital de Inglaterra, destruidas as fantasias que sobre ela se tem escrito e que, devo acentuar, de modo algum devem ser tidas como propostas: são devidas aos nevoeiros constantes n'aquella cidade, que a não deixam vêr senão muito imperfeitamente. Tenho dito e espero os aplausos do costume.

Bonaparte

(Aluno do liceu Camões).

Nacionalidade dupla

Diz um jornal que no Coliseu appareceu a reptar o brutamontes do Jack Johnson, um «suíço-americano».

Lá o vimos e com ele falámos, reconhecendo que não é tal suíço-americano mas sim francez—turco; a não ser que seja hespanhol-russo, o que tambem não repugna acreditar.



MILTON

Chegou, emfim, a vez de ser focado
O prodigioso Milton, meu colega,
Que ha muito já no tumulto socega
E que tão grande foi quão desgraçado.

Que vida a sua! quanto azar, coitado?
Não se medonho fardo ele carrega!
Primeiro, atura o Cromwell, depois cega
E o seu poema tem de ser ditado!

Agora são passados tantos anos,
Não se mostra o destino satisfeito
E continúa a produzir-lhe danos:

Quando se cria em paz no eterno leito,
Já livre de importunos e profanos
Faço-lhe eu um soneto tão mal feito!

BELMIRO.

Criticas á companhia Guitry

Seria coisa curiosa a compilação do que por aí se disse e escreveu sobre as recitas da companhia franceza que ultimamente nos visitou. Estão essas compilações no programa do *Século Comico*, mas a maldita falta de papel...

Emfim, apenas alguma transcrição d'um e outro jornal. A respeito do *Servir*:

«E' uma das melhores peças de Lavardan...».

Outro jornal, no mesmo dia: «O autor do *Servir* foi extraordinariamente infeliz...»

O primeiro, sobre o *Après-moi*: «Bernstein d'esta vez não escolheu um assunto militar...».

Terceiro, ácerca da *Veine*: «Alfredo Capus, o espirituoso autor de tanta peça interessante, não architectou uma obra verdadeira nem sequer verosimil, mas escreveu parte d'ela cheia de verdades, por vezes copia exatissima do que vai por esse mundo de Deus...».

Infelizmente os francezes estão atualmente tão ocupados que não é provavel que leiam jornaes portuguezes.

Manteiga aguada

Descobriu-se agora—descobriram os particulares, porque as autoridades tem mais que fazer—que a manteiga que por aí se vende, além de varias mixórdias, tem 50 por cento de agua.

Parece-nos que esta descoberta, longe de se traduzir em prejuizo para quem gosta de torradas com manteiga, antes se traduz em beneficio. O qual vem a ser, de futuro, habituado como está o paladar á agua, dispensar-se a parte gordurosa molhar-ss simplesmente o pão em agua do contador. E' muã economia.

O Marques ainda cá está!

Perguntam-nos alguns leitores se o Marques não tem ultimamente feito alguma das suas. Tem, mas são tantas as cartas de empenho que nos escrevem a interceder pelo homem, que haviamos resolvido não tornar a bulir com ele. Em vista, porém, da insistencia dos ditos leitores, aí vai a ultima.

O Marques tem, como é sabido, uma mercearia na Baixa, por sinal que é concorridissima e que á porta se costumam aglomerar varios sujeitos em conversa e para dizerem graçolas ás senhoras que passam, como é lindo habito dos janotas lisboenses.

Um dia d'estes o Marques, tendo de ir á farmacia Estacio, ao Rocio, aviar uma receita, reparou que á porta havia o seguinte letreiro: «Pede-se o favor de não estacionar á porta.»

Entrou e, intrigado, pergunta a um dos empregados:

—Que quer dizer aquele letreiro ali, na porta?

—Quer dizer que se pede ás pessoas a fineza de não se juntarem ali, de não permanecerem...

Pensou logo o Marques que podia experimentar identico aviso lá na mercearia, julgando-o eficaz, porque realmente á porta do Estacio não via ninguém.

Dito e feito. No dia seguinte apparecia á porta da loja do Marques o seguinte letreiro: «Pede-se o favor de não marquesar á porta.» E esperou o resultado, satisfetissimo.

De ali a minutos um amigo entrou na loja e perguntou-lhe:

—Que diabo quer você dizer com aquele palavriado?

—Ora essa! quero dizer que espero o favor de me deixarem livre a entrada do estabelecimento.

—Mas lá diz «não marquesar...»

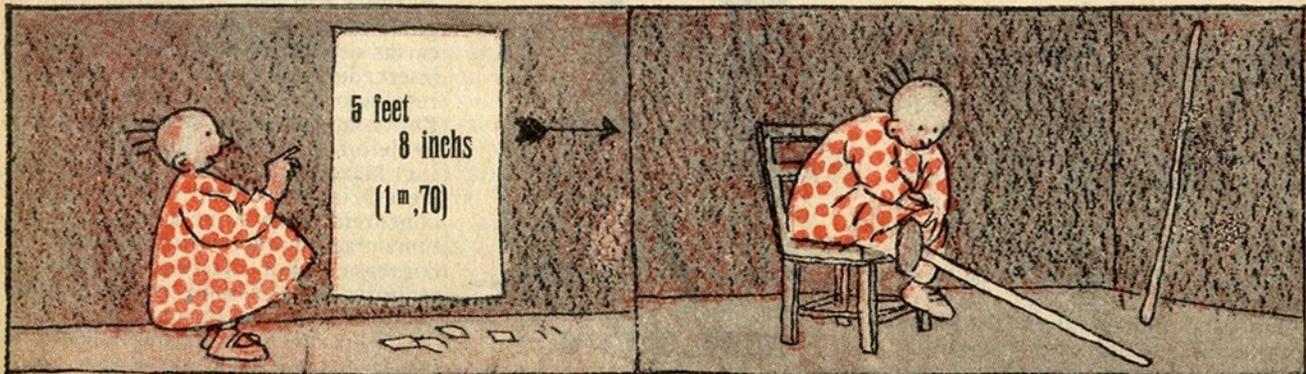
—E diz muito bem. A' porta do Estacio está um que diz não estacionar. Ora eu sou Marques e não Estacio; logo: «não marquesar». E' danado.

Times in money



Um general francez para o inglez:
—Então não telegrafia para o ministerio da guerra dizendo que tomamos 90 canhões ao inimigo?
—Não vale a pena gastar tempo a redigir telegramas senão tomando de cem para cima.

MANECAS, SOLDADO INGLEZ



1.—Embragado pelo valor dos ingleses, Manecas parte para Londres, resolvido a alistar-se. Infelizmente lê que para ser soldado precisaria de ter, pelo menos, 1 metro e 70 centímetros de altura!

2.—Ocorre-lhe uma idéia: fabricar umas andas e apresentar-se com elas á Junta d'Inspeção militar, sem que esta dê pelo artifício.



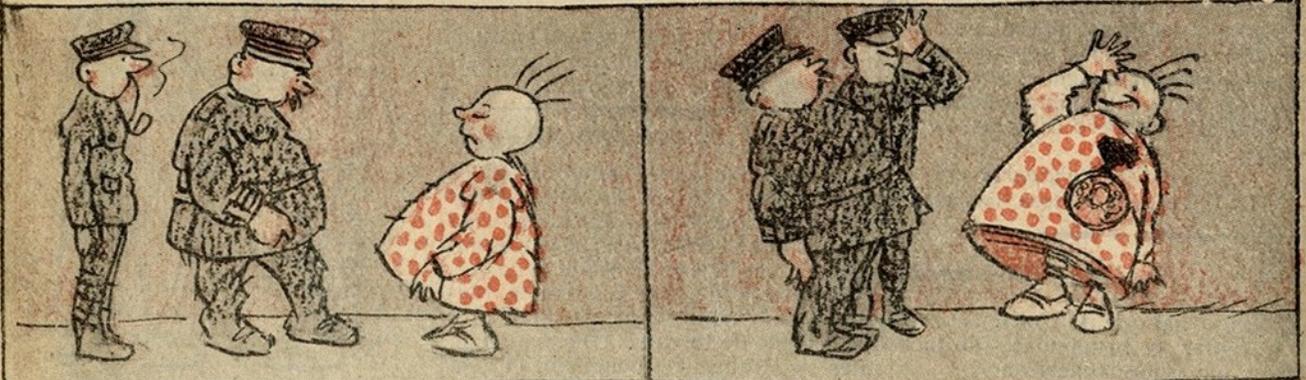
3.—Assim faz, mas fica com 2 metros de altura e na infantaria não pode servir, porque está em enorme desproporção com os camaradas.

4.—Mandam-no para cavalaria, onde também não serve, porque chega com os pés ao chão e o cavalo passa-lhe por entre as pernas.



5.—Experimenta-se artilharia: não pode carregar as peças por mais que se esforce porque a mão não chega tão abaixo.

6.—«Estou resolvido a todos os sacrificios para combater convosco! diz para os outros soldados. Vou cortar as pernas!»



7.—Vae a casa, tira as andas e apresenta-se ao estado-maior, que se convence de que ele, efetivamente, cortou as pernas.

8.—Em vista de tal heroicidade é definitivamente aceite, para tambor, e condecorado perante o exercito que exclama entusiasmado: Hurrah por mister Manecas!»